

ISABEL STILWELL

LEONOR TELES

A RAINHA QUE DESAFIOU UM REINO

Para o Luciano, que me deu a segurança de voar,
sabendo que nunca me perde de vista...

Foi mulher muito inteira, de coração cavalheiro. Desde que
ela reinou, aprenderam as mulheres a ter novos jeitos com
os seus maridos.

FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*

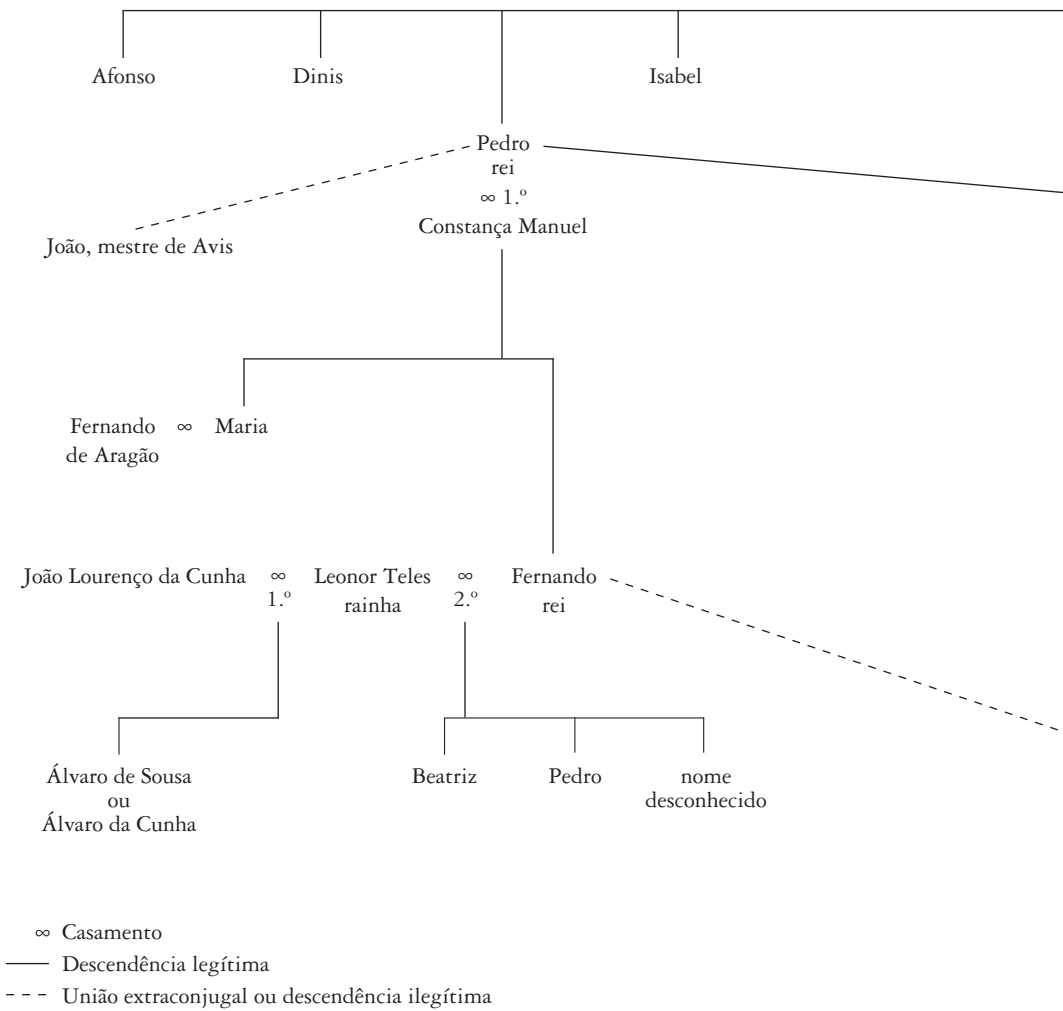
Não nos julguem, vocês que se gabam de serem puros.
Ninguém vos condenará pelos pecados dos outros.

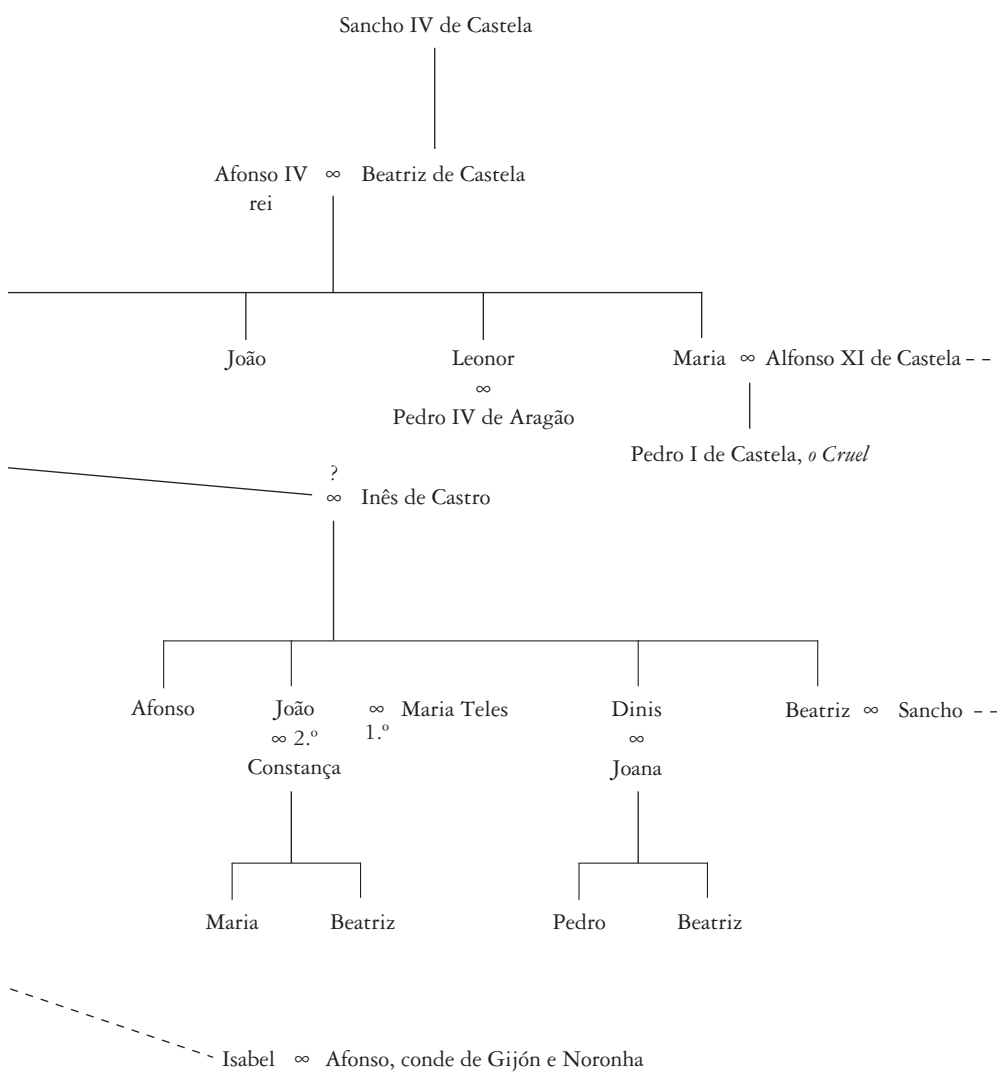
HAFIZ (século XIV)

Índice

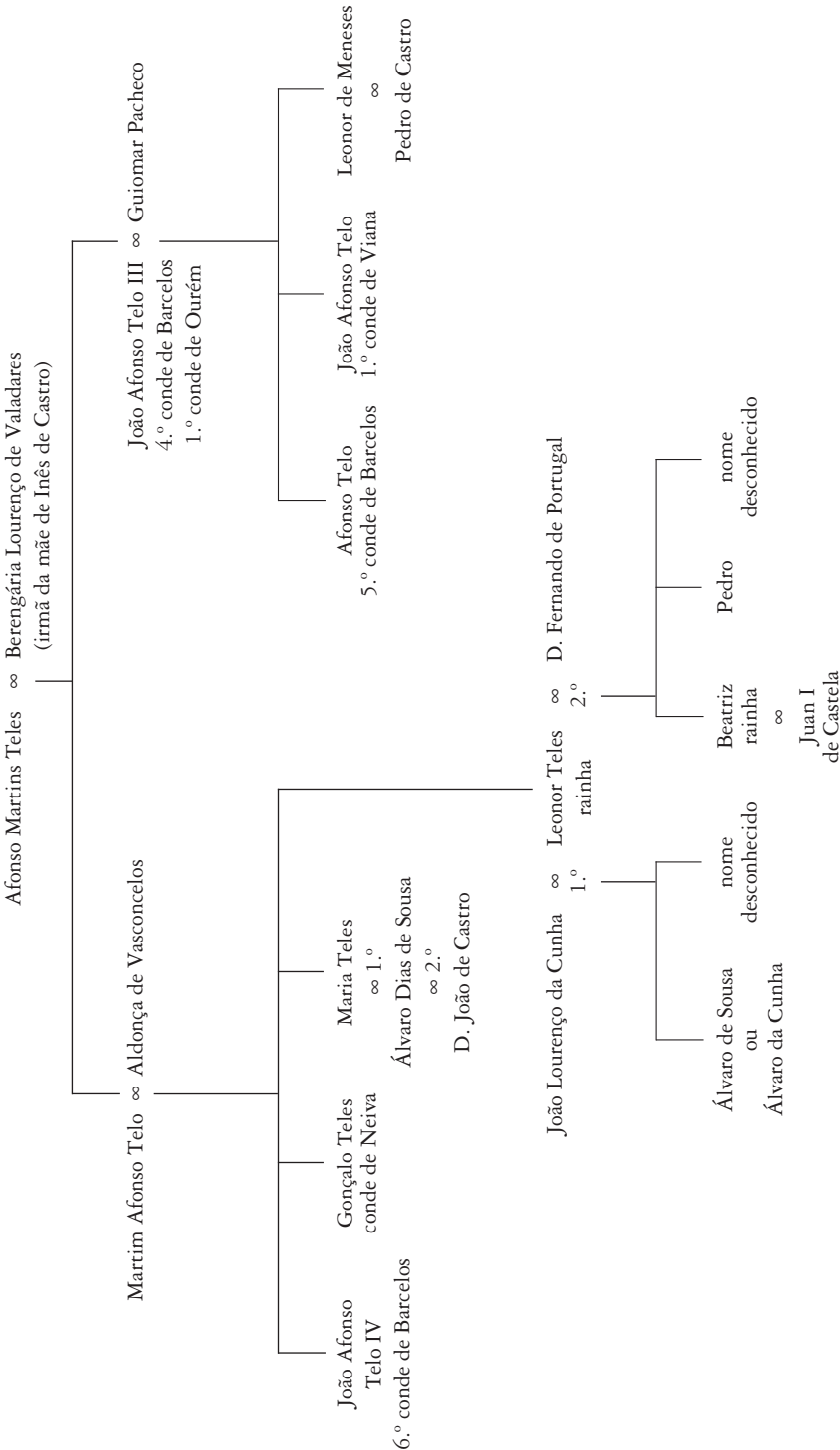
Árvores genealógicas	12
I PARTE (1354-1356)	
O segredo num nome	17
II PARTE (1356-1367)	
Crescer entre sombras	81
III PARTE (1369-1371)	
A ferida cura-se, a má fama mata	175
IV PARTE (1372-1379)	
Leonor, finalmente rainha	263
V PARTE (1380-1383)	
Em luta contra o tempo	397
VI PARTE (1383-1384)	
O encontro com o diabo	525
Epílogo	538
<i>Dramatis personae</i>	541
Fontes e bibliografia	556

Família real: de D. Afonso IV a D. Fernando





Árvore genealógica de Leonor Teles



Três de rubi,
três de diamante
e um, o maior de todos, de esmeralda.

Leonor Teles tomou as mãos de Fernando pedindo-lhe que as abrisse e as pousasse sobre o seu regaço, debruçando-se para beijar suavemente a face suave do rubi, passando os lábios pelas arestas do diamante, abrindo-os sensualmente sobre a superfície lisa da esmeralda, de um verde que lhe lembrava os bosques da sua infância, os rios que corriam em cascata sob as pontes de granito, onde dançavam os duendes e as bruxas.

Os sete anéis do sultão com a força da coragem, da lealdade e do amor, que Aisha vira revoltarem-se contra D. Afonso IV, naquele dia de janeiro em que assassinara a nora.

Sete anéis que a protegeriam quando fossem seus, pensou Leonor, e indiferente aos olhares invejosos, ao escândalo que provocava na corte, esboçou um sorriso.

Não, não teria o mesmo destino de Inês de Castro.

I PARTE
(1354-1356)

O SEGREDO NUM NOME

Nenhuma ave de rapina conhece aquele trilho secreto,
Nenhum falcão o viu.
Nenhum animal majestoso o pisou,
E o leão não ronda por ali.
[...]
Onde estará a sabedoria?

Livro de Job 28:7-12

Évora, fevereiro de 1354

— **L**arga-me – protestou Leonor Teles, quando a irmã mais velha a procurou arrancar da balaustrada no topo das escadas, de onde espiava a conversa entre a mãe e a tia Guiomar Pacheco. E, como não a deixava, mordeu-lhe a mão, obrigando-a a soltá-la.

– És uma idiota. Só te estava a impedir de cair – protestou Maria, olhando incrédula para a marca que a irmã lhe tinha deixado na mão.

Leonor corou, envergonhada, mas, em lugar de pedir desculpa – como lhe custava pedir desculpa! –, limitou-se a encolher os ombros e a refilar:

– Se não me agarrasses, não te mordia e, de qualquer maneira, és uma fiteira. Nem sequer te posso ter magoado muito – disse, abrindo um sorriso encantador que deixava ver o espaço que os dentes definitivos ainda não tinham preenchido totalmente.

Maria tinha 12 anos, era quatro anos mais velha do que ela, que faria oito anos, já em abril, e metera na cabeça que lhe competia educá-la, já que a mãe parecia constantemente distraída, e o pai, o pai, não o viam há muito tempo, desde que Martim Telo se tornara mordomo-mor da rainha D. Maria de Castela, filha de D. Afonso IV, e andava envolvido nos sarilhos que por lá havia.

Leonor sentou-se de braços cruzados sobre o peito, no primeiro degrau das escadas:

– Só queria saber quando é que o pai chegava – confessou.

– E descobriste? – perguntou ansiosamente Maria.

Leonor abanou a cabeça, com desalento:

– Só falam de Inês de Castro!

Maria lamentou ter interrompido a coscuvilhice da irmã, porque estava desejava de saber tudo acerca da prima direita do pai, amante

do senhor D. Pedro e que era o assunto das maiores intrigas da corte. Havia quem dissesse que estaria no casamento da infanta D. Leonor com um infante de Aragão, mas muitos não acreditavam que se atrevesse a trazer à boda da irmã a barregã que o pai tanto odiava.

Maria insistiu:

– Leonor, explica-me. Inês de Castro está em Évora?

A irmã assentiu com um gesto da cabeça:

– Chegou! E a mãe diz que agora Inês é mulher legítima do infante.

Maria Teles levantou o sobrolho, incrédula:

– Casaram, mesmo de verdade? A tia Guiomar confirmou?

Leonor negou com um gesto da cabeça:

– A tia Guiomar não acredita, diz que o infante não se atreveria a tanto.

– Mas, se Inês está cá, vai à festa – concluiu Maria.

Leonor impacientou-se:

– Não é o que estou a dizer, desde o princípio?

Maria encolheu os ombros:

– Não te lembras dela, mas...

Leonor enfurecia-se quando a irmã a tratava como uma criança de colo:

– E porque é que não me hei de lembrar, se ainda a vimos no Natal? Inês é tão bonita que não se esquece. – E apoiando o queixo numa mão, o cotovelo sobre o joelho, exclamou, num tom dramático: – As mulheres na nossa família são todas lindas, descendentes de uma ninfa, por isso, descansa, Maria, também vais ser muito bonita. Assim como eu, quando estes malditos dentes crescerem!

A irmã deu uma gargalhada, e apressadamente tapou a boca com a mão, procurando engolir o som que as podia denunciar, mas a música e os cantos que chegavam da rua abafaram-no. A festa tinha começado.



Sento Leonor ao meu lado durante a cerimónia, uma mão firme sobre o joelho para que não se atreva a levantar-se e a meter-se em bicos de pés perturbando toda a gente, para observar Inês de Castro, por entre os convidados. De fazer, afinal, o que fazemos

todos, na expectativa de que o infante D. Pedro se atreva a dar-lhe o braço, na expectativa da reação do rei, na curiosidade de perceber se a rainha D. Beatriz lhe dirige a palavra ou simplesmente a ignora.

Está cada vez mais bonita e o peito farto de quem foi mãe há pouco mais de um mês só a torna ainda mais atraente, o colo de garça realçado por joias reais que ostenta com segurança, sabendo de antemão que muitos de nós já as vimos no pescoço da Rainha Santa, de quem o neto as herdou.

Inês vem agora nesta direção, e não vou a tempo de impedir Leonor de se pôr de pé. Discretamente, deixo a mão correr para o ombro da minha filha, beliscando-o, num aviso para que não fale demais. Da boca de Leonor podem sair as maiores galanterias, como se tivesse o dobro da idade que tem, ou as mais incômodas verdades, ditas com uma candura que desarma qualquer um. Os irmãos acusam-me de não a saber domar, e não se enganam, porque a verdade é que ando com a cabeça e o coração demasiado ocupados com outras coisas... com assuntos que me doem e magoam, mas que não me resta outro remédio senão suportar.

Se pudesse, não tinha vindo. Se pudesse, não trazia comigo os meus filhos, nem me preparava para viajar com eles para Castela, se fosse escolha minha...

Inês de Castro interrompe-me os pensamentos e cumprimenta-me com afabilidade, afabilidade que retribuo. A sua mãe é Aldonça de Valadares, irmã da minha sogra. Também ela foi barregã, e pagou um preço alto por ter confiado num outro Pedro, Pedro de Castro, senhor da Galiza, que nunca casou com ela. Estará Inês disposta a pagá-lo também?

A Castro inclina-se para afagar os cabelos de Leonor, ruivos como os dela, e diz-lhe, divertida:

– Também te acusam de seres impulsiva, de agires sem pensar? Não fui a tempo de calar Leonor.

– A mim chamam-me bruxa... quando vou ao tanque com as criadas. Em Trás-os-Montes, de onde venho, dizem-me que nas sextas-feiras, 13, se montar uma vassoura consigo voar. Mas ainda não experimentei...

Inês ajoelhou-se, para a encarar de frente, levantando entre os dedos uma das madeixas da minha filha, que à luz se tornou ainda mais incandescente, e numa voz firme encorajou-a:

– Não acredites, Leonor Teles. Falam assim porque te invejam. Leonor virou-se primeiro para mim triunfante, como se finalmente alguém a compreendesse, e depois de novo para Inês, anunciando:

– De mim, não têm grande coisa a invejar, mas de si têm tudo.

E, puxando-a para junto de si, sussurrou-lhe ao ouvido:

– Tenha cuidado, muito cuidado. Porque o rei tem a barba ainda mais ruiva do que os nossos cabelos.

Juro que Inês empalideceu.

Levantou-se apressadamente e despediu-se de nós, enquanto torci a orelha da minha filha e a levei de arrasto até à antecâmara, onde a entreguei à ama. Que me sirva de lição, Leonor Teles é nova e desbocada demais para vir a cerimónias como estas.



Tento não olhar na direção da rainha D. Maria, porque se olhar para Maria de Castela não posso deixar de ver Martim, o meu marido, a rodopiar à sua volta, embevecido, recebendo dela um toque fugidio na mão, um cálice de vinho para que o prove, depois de ela já lhe ter posto os lábios.

Aos 40 anos é viúva de um casamento em que só conheceu desprezo e desamor, traída por Leonor de Guzmán, que foi mais rainha do que ela, mas que ela não teve pejo de mandar matar, mal Alfonso XI fechou os olhos em Algeciras. E, agora, é o próprio filho, Pedro de Castela, que lhe vira as costas, e ela, formosa, caprichosa e determinada, faz-lhe frente e conspira contra ele. E contra mim – há sempre uma boa alma que se encarrega de nos vir dizer quando o nosso homem dorme com outra, e então quando se deita com uma rainha, a notícia alastra como fogo numa seara. Como sanguessugas, mordem-nos e deliciam-se com o sangue que sai dos cortes abertos.

Não lhes darei essa satisfação. Por isso, não vejo, não oiço, não sei. Mas não é da minha reação que Martim tem medo, mas sim da do rei de Portugal. Como reagirá D. Afonso, que acaba de legislar ferozmente contra o adultério, quando descobrir que a sua própria filha tem um amante? Que, para complicar as coisas, é tio de Inês de Castro, com quem o seu filho, herdeiro do trono de

Portugal, está amancebado? Se já vê um inimigo em cada sombra, o que fará quando constatar que os Castro e os Teles apertam o cerco de influência em redor da coroa? Deixando em risco o seu adorado neto Fernando...

É para salvar as aparências, só por isso, que Martim insiste em levar-nos com ele para a corte de D. Maria, em Castela. Dentro de dias, desmontadas as tendas, os palanques e as mesas corridas, arrumadas as bandeiras e os enfeites, fechados nas arcas os vestidos e as joias, seguiremos para Toro na comitiva da rainha viúva. Os meus filhos João e Gonçalo estão eufóricos de alegria, Maria sonha com danças e cavaleiros andantes, e Leonor, Leonor com a sua ânsia de viver, vai tirar partido de tudo e de todos.

Não resisto, apesar de todas as juras, a voltar-me em direção de Martim, e vejo que fala com o infante D. Pedro e com um grupo de castelhanos, entre os quais reconheço João Afonso, senhor de Albuquerque, em casa de quem Inês de Castro foi criada, o artífice da sua vinda para Portugal, o homem que fez dela espia, amante e não desistirá enquanto não a alçar ao trono. O estratega que colocou Martim na alcova de D. Maria e que agora orquestra seguramente uma nova conspiração. Estarei atenta.

Nisa, abril de 1354

Leonor sentou-se na cama acordada por gritos estridentes – primeiro estremunhada e confusa, logo depois curiosa, saltou para o chão, decidida a descobrir o que se passava, embora conhecesse mal esta casa onde repousavam a caminho da fronteira com Castela.

Era a voz de D. Maria, mas também a do infante D. Pedro, procurando sossegar a irmã, mas em vão. Leonor atreveu-se a avançar até à câmara da rainha, escondendo-se entre as pregas do grosso cortinado.

A rainha gritava agora contra Inês de Castro, também presente na sala, acusando os Castro de estarem envolvidos numa conspiração para usurpar a coroa de Portugal e de Castela. A pobre Inês escutava-a, tão estupefacta como ela perante as notícias acabadas de chegar.

D. Maria apontava-lhe o dedo e acusava-a:

– Como é que a tua irmã Juana de Castro se atreveu a casar com o meu filho, a intitular-se rainha, quando o rei já é casado? Como se não bastasse o absurdo de ter aprisionado a mulher legítima, agora casa com outra? Os franceses vão garantir a excomunhão de Castela, a excomunhão do meu filho e do bispo de Salamanca que se atreveu a abençoá-los na catedral de Cuéllar. E, perante isto, os teus irmãos Castro regozijam, e a tua irmã assina-se rainha de Castela!

Leonor não conseguia deixar de pensar que também invejaria a irmã por ter chegado a rainha antes dela. Sobressaltada com o seu próprio pensamento, encostou-se ainda mais à parede, como se se quisesse fundir com ela. Não podia perder nem um instante desta discussão, mas o entusiasmo desvaneceu-se quando, junto de si, tão

próximo que sentia a sua respiração, escutou o infante D. Pedro dizer a um criado:

– Chama D. Martim. Que venha com urgência.

Pelos vistos não era necessário que o chamassem, porque os irmãos Teles viram o pai assomar à porta, alto, o cabelo louro encaracolado revoltado, a barba a contornar-lhe os lábios carnudos.

Leonor podia ter apenas oito anos, mas não precisava de mais para entender a forma como D. Maria estendeu as mãos em direção ao seu mordomo-mor e ele a tomou nos braços, afagando-lhe os cabelos, sossegando-a com uma ladainha de palavras ternas.

Inês e Pedro já não estavam no quarto, sumidos como génios para dentro de uma lamparina, e os criados tinham desaparecido com eles, deixando a rainha e o amante, sentados na beira da cama, beijando-se.

Leonor sabia que tinha de sair dali e, no entanto, permanecia com os olhos azuis bem abertos, sem se permitir sequer pestanejar, num espanto e numa curiosidade sem fim.

Sentiu a mão do irmão arrancá-la dali para fora e, ameaçador, fê-la prometer que não contava nada.

– Não contes aos manos, não contes à mãe.

Leonor encarou-o de frente:

– A mãe já sabe.

Gonçalo protestou:

– Não digas isso.

Mas Leonor encolheu os ombros:

– A mãe sabe tudo, Gonçalo.

E enquanto se esgueirava de regresso ao quarto, tentando arrumar dentro de si tudo a que assistira, pensou que faria como a mãe, fingiria que não tinha visto ou ouvido nada, agiria como se nada fosse. Uma arte que, suspeitava, lhe seria útil no futuro.



Não sei o que me acordou primeiro, se os gritos descontrolados da rainha ou se a agitação com que Martim puxou os lençóis para trás e saiu da cama que partilhávamos pela primeira vez há tantos meses. Fingi dormir, cerrando com força os olhos, procurando que a minha respiração não denunciasse que estava bem acor-

dada. Mas escusava de me ter preocupado porque o meu marido nem olhou para mim. Ela chamava-o e ele ia sem hesitar.

Não sei quanto tempo fiquei imóvel, como se uma parte de mim quisesse acreditar que regressaria num instante, voltando a abraçar-me, como me abraçava dantes – antes dela! –, mas quem sem cerimónias se enfiou na minha cama foi Leonor.

– Filha, a zaragata acordou-te? – perguntei-lhe, aconchegando-a a mim, consolando-me nela. – Estás gelada, onde andaste? – insisti, talvez desejosa de que me desse notícias do que sucedera para que D. Maria necessitasse do seu mordomo a estas horas da noite.

– Está noite de lua cheia – informou-me Leonor, apontando para a luz que entrava pelas frinchas das portadas. E puxando sobre as nossas cabeças a cobertura espessa, como se estivéssemos numa tenda, disse-me baixinho: – Mãe, a luz da Lua enlouquece as pessoas. Lembra-se como nestas noites a minha ama tapava as janelas com mantas para nos guardar dela?

As histórias de Leonor eram sempre fascinantes, não se calava, e geralmente cheias de verdades, por isso deixei-a continuar:

– Está tudo doido, tudo doido em Nisa e em Castela. O rei Pedro de Castela casou com Juana de Castro. A mãe já a viu? É tão bonita como Inês?

Interrompi-a, áspera:

– Leonor, também andaste à lua?

A minha filha sentou-se de frente para mim, os olhos como os de um gato brilhavam de excitação:

– Não, senhora, minha mãe, andei sempre pela sombra. Mas responda-me. Já viu a rainha Juana? Sim, porque agora é rainha, foi assim que se assinou na carta que mandou à sogra.

Repreendi-a:

– Se o teu confessor te ouvisse, Leonor! Como pode o rei D. Pedro de Castela ter casado se já é casado com a rainha Blanche de Bourbon?

– O pior é que também é amante de María de Padilla, e gostam muito um do outro – explica-me a minha filha, como se me quisesse abrir os olhos.

Sinto-me enfiada numa camisa de onze varas: como lhe explico que estes adultérios, estas infidelidades, são contra as

leis de Deus, se o seu próprio pai os comete? Aqui. Sob os nossos olhos.

– Não são assuntos para a tua idade – digo-lhe.

– Mas acabei de fazer oito anos e preciso de saber...

Senti-lhe um ligeiro tremor na voz, muito ligeiro, porque, por baixo destas certezas, tudo isto a perturba.

– Tudo o que precisas de saber, Leonor Teles, é que o rei de Castela é casado com uma francesa e que quem quer que se tenha envolvido neste casamento fantoche vai ser excomungado pelo santo padre.

Penso para mim que a ambição dos Castro é desmedida. Mas não resisti à curiosidade, já que Leonor parecia tão bem informada.

– A senhora D. Maria gritava contra quem? – perguntei.

Percebi que cometera um erro, insuflando a vaidade da minha filha. Não se fez rogada:

– Contra Inês, acusando-a de já saber o que se passava e de estar a planear passar a coroa de Portugal ao seu filho mais velho, João. – E depois, sentindo-se muito importante, informou-me: – É porque antes da notícia de D. Juana de Castro chegou outra... Um mensageiro de D. Afonso IV veio avisar o infante D. Pedro de que não se deve meter na conspiração do senhor de Albuquerque.

Temí uma acusação de espionagem ou traição. Mandeí-a calar:

– Já chega, Leonor. Volta para a tua cama – ordenei, empurrando-a para fora da minha, e ela desapareceu, serpenteando pelo lado mais escuro da minha câmara, fugindo à luz da Lua.

Fiquei deitada, contemplando os tijolos da abóbada do teto deste quarto desconhecido. Afonso IV descobrira com toda a certeza que João Afonso, senhor de Albuquerque, se propunha entregar ao infante a coroa de Castela. D. Pedro tinha 35 anos e, cansado de esperar pelo trono de Portugal que o pai tardava em deixar-lhe, era uma presa fácil de quem lhe vendesse a esperança de uma coroa antecipada.

O dia já clareia quando oiço os passos de Martim, que, por fim, regressa, o cabelo desalinhado, e sorri-me, sedutor como sempre. Estremeço quando se deita ao meu lado, fazendo baixar o colchão sob o seu peso, e me beija com os lábios ainda quentes de a beijarem a ela. Mas não lhes fujo.



Maria e Leonor ajudam-me nos últimos preparativos para esta saída apressada de Nisa, com destino a Castelo Branco, porque a rainha D. Maria não quer ficar nem mais uma noite sob o mesmo teto que Inês de Castro. Está nervosa, teme que o filho a pense aliada de João Afonso, o senhor de Albuquerque, receia que pense que se aliou ao irmão para lhe roubar o trono, e sabe do que ele é capaz se meter na cabeça que o trai.

A minha filha mais velha estende-me uma camisa meticulosamente dobrada, e faço-lhe uma festa. É tão suave esta minha Maria, o cabelo castanho com madeixas louras enrolado num carrapito, o rosto oval e perfeito, o temperamento doce e fácil, mas percebo que, à medida que Leonor cresce, crescem também os ciúmes que sente de toda a atenção que a irmã mais nova é capaz de atrair sobre si mesma. Terá de se conformar porque suspeito que Leonor com a idade só vai requintar esta arte.

Agora Maria pergunta-me porque chamam Pedro Gil ao rei D. Pedro de Castela, e reparo que Leonor para de brincar com as pedras de aljôfar e escuta atentamente a resposta que me vejo obrigada a dar:

– É um rumor antigo e mal-intencionado, que terá partido seguramente dos partidários de D. Leonor de Guzmán, mãe de Enrique de Trastámara.

Engano-me se julgo que a conversa vai ficar por aqui:

– Um rumor que diz o quê? – querem saber as duas.

Não vale a pena evitar a verdade:

– O pai de D. Pedro não frequentava muito a casa da rainha D. Maria e, quando engravidou, as más-línguas diziam que a criança só podia ser filha de um judeu, de nome Pedro Gil. Um disparate maldoso, nada mais do que isso.

A minha filha mais velha ficou calada, mas a mais nova resumiu em duas palavras a situação:

– E, não sendo filho de rei, não devia ser rei.

Maria, vendo que a irmã se aventurava por aqueles caminhos, sem ser repreendida, atreveu-se:

– Não admira que o rumor agrade ao Trastámara. É o filho mais velho de Alfonso XI e de D. Leonor de Guzmán, deve querer

convencer-nos a todos de que, se o meio-irmão é um bastardo e ele é filho de rei, então é a ele que a coroa pertence.

Zango-me:

– Dizes bem, um filho bastardo.

– Mas se Pedro Gil nem filho de rei é – insiste Leonor.

Mando-as calar, cheia de pena de não as poder criar, pelo menos mais uns anos, no recato do nosso paço, onde por esta altura os campos se cobrem de flores e se ouvem os rouxinóis às primeiras horas da manhã – por aqui, tudo o que vejo são aves de rapina!

Como as posso proteger do que se passa debaixo dos olhos de todos, com cada vez mais descaramento? Martim atravessa as vilas com a montada da rainha à rédea, trocando com ela galanteios e risinhos, dizendo adeus a todas as cautelas. E as pessoas perguntam-se quem é, porque lhe cabe esta honra, e não demoram muito a perceber que há entre eles sentimentos que não deviam existir. E até o povo fica a saber dos amores em que ele e a rainha andam, talvez seja aquilo que o meu marido deseja. Que percebam que é o escolhido, que tem poder. É de família. Os Teles gostam de voar em redor do Sol, inebriados pelo seu calor. Que Deus Nosso Senhor me perdoe, mas que vontade sinto de que, tal como Ícaro, também as asas do meu marido derretam e se estatele no chão.



A guerra está aí. Pedro de Castela abandonou Juana de Castro, grávida, regressando a María de Padilla. Fernán de Castro, mortalmente ofendido pela desonra da irmã, refugiou-se em Monção, declarando não servir mais o rei de Castela, oferecendo agora os seus préstimos a Inês de Castro e ao seu cunhado, o infante D. Pedro. O senhor de Albuquerque e Enrique de Trastámara saltam à oportunidade desta ofensiva conjunta contra o rei de Castela, e o resultado é que o reino está a ferro e fogo.

Pousávamos em Castelo Branco quando D. Maria recebeu estas notícias, e ordenou imediatamente que levantássemos arraial e avançássemos a toda a brida para Toro, vila alcandorada nas margens do Douro, defendida por uma das muralhas mais inexpugnáveis de Castela, onde acredita que estaremos seguros. Onde nos fomos meter, penso, enquanto volto a fechar as arcas.